

Terapia Narrative no Brasil: Construindo História Preferidas de Norte a Sul

Marilene A. Grandesso

Contextualizando: Uma Porta de Entrada

O que apresento neste artigo é apenas uma história possível. Sabemos que nenhuma história é única e, menos ainda, completa. Esta, como toda narrativa, foi construída por minha seleção de eventos no tempo, nos contextos em que tive a oportunidade de viver e aprender. O fio que tece esta linha de história é muito pessoal e tem as marcas dos significados que atribuí à experiência vivida, desde os anos 90. Assim, fossem outros os autores, outras histórias seriam possíveis. Como a vida, a Terapia Narrative no Brasil também é multihistoriada.

Quando Tom Carlson me convidou para escrever sobre a Terapia Narrative (TN) no Brasil com foco na terapia, honrada pela confiança, senti um misto de alegria e uma imensa responsabilidade. Como fazer jus a esta prática e aos terapeutas brasileiros que a desenvolvem e enriquecem com criatividade latina? Nascida no início dos anos 2000, a TN cresceu, floresceu e vem se transformando, desde a presença de Michael White e David Epston em território brasileiro. Primeiramente por seus escritos, aos quais tínhamos acesso apenas em inglês e, às vezes, em espanhol. Depois, pelo nosso espírito de mercadores ambulantes que nos convidava a ir ao encontro das oportunidades que surgiam, ainda que em outros países. Este artigo tem as marcas de meu envolvimento pessoal com essa prática, desde que, em 1991, Carlos Sluzki, num curso de terapia familiar em Massachusetts, apresentou Michael White como um jovem criativo que fazia da terapia uma espécie de exorcismo psicológico. Sluzki estava se referindo à prática das conversações externalizadoras, que separa a pessoa e o problema: o problema é o problema, a pessoa é a pessoa. Para nós brasileiros, na época, uma grande novidade.

Assim, não foi surpreendente que estivéssemos pela primeira vez com Michael White em Buenos Aires (Argentina), quando a Fundação Interfas organizou, em 1992, quatro dias de workshop com ele. Numa pequena sala da Fundação, o encantamento se apossou de nós brasileiras, em torno de umas 15 pessoas. A mim particularmente, o que mais me tocou foi uma apresentação que Michael fez

de um atendimento de um homem que vivia há muitos anos num hospital psiquiátrico e tinha acabado de tentar o suicídio. Sua história de desesperança narrava que sua vida não importava para ninguém e que, se ele morresse, ninguém precisaria ser avisado. Nas suas conversas com esse homem, Michael conseguiu resgatar dentre as histórias por ele vividas, as memórias de seu tempo de criança. Sua primeira professora foi reconhecida por esse homem como alguém para quem sua vida importava. Tivemos a oportunidade de assistir o vídeo em que essa professora, já idosa, narrava momentos em que aquele menino se destacava e o apreço que ela tinha por ele. Voltamos para o Brasil com as sementes pulsantes de uma inquietação para aprender mais e transformar nossa prática. Michael nos ajudou a considerar que todas as pessoas têm histórias de valor e o poder de legitimação de vidas e relações pelas narrativas de testemunhas externas. Na ocasião tivemos acesso a um fantástico artigo, denunciando práticas de poder subjugadoras de *selves* e relações. Ainda hoje, compartilho com meus alunos o artigo *Deconstruction nad Therapy* (White, 1991). Nele, Michael apresenta quatro sinopses de histórias de algum tipo de opressão, ajudando-nos a compreender que sempre há portas de entrada para histórias subordinadas que, uma vez historiadas, ajudam a desconstruir histórias dominantes saturadas de problema, possibilitando a construção de histórias preferidas de vidas legitimadas.

Seguimos estudando e, ao mesmo tempo, compartilhando com nossos alunos o que estávamos aprendendo. Um referencial para construirmos nosso caminho foi o primeiro livro publicado por Michael e David Epston - *Narrative means to therapeutic ends* (1990). Objetivar os problemas e não as pessoas, desenvolver a sensibilidade para ouvir traços nas histórias convidando a histórias de esperança. Muitas novidades foram surgindo com a metáfora narrativa. Nossa prática de terapia, gradativamente mudou seu foco de problemas para possibilidades, externalizando a influência dos discursos culturais nas narrativas dominantes saturadas de problemas, que, subliminarmente, constroem relações de poder. Michael e David ampliaram nossos horizontes e práticas terapêuticas, contribuindo para olharmos problemas como gritos de inconformismo, diante de valores desconsiderados, ou mesmo, ultrajados. Mais tarde pudemos ampliar nosso entendimento pelo precioso conceito de “o ausente, mas implícito” (White, 2007), resultado da presença das ideias de Derrida na terapia narrativa.

A terapia narrativa contribuiu para ampliar nossa compreensão das vidas e relações, ao convidar outros interlocutores, fora do mundo psi: Foucault, Derrida, Vygotsky, Geertz, Bachelar, Barbara Myerhoff, Bruner, dentre outros mais (Grandesso, 2011). Definida como uma prática pós-estruturalista, no Brasil, a terapia narrativa contribuiu para o desenvolvimento de relações terapêuticas valorizando o conhecimento local, respeitando os valores culturais e sensível a todas as formas de opressão. Para além dos diagnósticos e de uma visão psicopatologizante da vida, uma pudemos incorporar uma dimensão política para a terapia e expandi-la para além das paredes dos consultórios. Abandonando a ética do controle e abraçando a ética da colaboração, White (2007) manteve sempre numa postura de parceria respeitosa, descentrada, porém influente. E assim, seguimos nós.

Aprendendo com Nossos Mestres e uns com os Outros

Apresento a seguir algumas das presenças marcantes no território brasileiro com quem pudemos aprender e criar possibilidades para nossas práticas narrativas. De antemão, esclareço que se trata de um recorte pessoal e, portanto, parcial. Está longe de estar completo. Meu critério foram as ressonâncias com minha própria experiência e a abertura para novas possibilidades, no contexto da terapia narrativa, conforme o pedido que me foi feito por Tom Carlson.

No ano de 2005, o Núcleo de Família da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (NUFAC) trouxe para São Paulo Jill Freedman para um workshop de Práticas Narrativas na Terapia Familiar. Dentre outras coisas, Jill nos introduziu na arte de fazer perguntas para desenvolver histórias mais ricas a partir de “momentos brilhantes”. Com ela praticamos uma forma de escuta de relatos da vida cotidiana que nos ajudava a transformar nossas respostas em poesia. Neste mesmo ano, Silvia Rechulski e Ada Pelegrini Lemos, nos presentearam com o primeiro workshop de Michael White em território brasileiro, também em São Paulo. Na ocasião pudemos testemunhar uma consultoria que Michael fez com uma família brasileira. Acompanhamos uma relação terapêutica que respeitou os nossos valores culturais e a forma artesanal com que ele, através de suas perguntas nascidas da escuta atenta para traços nas histórias, foi abrindo possibilidades para que a família adentrasse territórios da vida não historiados. Michael nos permitiu acompanhar uma dança criativa entre seu posicionamento descentrado, porém

influyente e uma família renascendo para novas formas de vida. Pela primeira vez, pudemos participar como testemunhas externas. Como um parceiro genuinamente interessado e criativo, Michael contribuiu para que a família revisitasse suas experiências construísse novas e mais ricas histórias, abrindo as portas para novas possibilidades existenciais. Sem dúvida esse workshop foi um divisor de águas. Logo mais, em 2006, Michael esteve em Salvador (Bahia) e Porto Alegre (Rio Grande do Sul), uma grande contribuição para nós brasileiros, graças a Maria Angela Teixeira em Salvador e Consuelo Brun em Porto Alegre.

Ao voltar de Porto Alegre, iniciei em, 2006, em São Paulo, pelo INTERFACI, instituto que coordeno, um Grupo de Estudos Abertos e Contínuos sobre terapia narrativa. Organizado como uma comunidade de aprendizagem colaborativa, ainda hoje, 17 anos depois, aprendemos uns com os outros, seguindo nossos interesses de aprendizagem e aprofundamento e promovendo workshops de aprofundamento. Acima de tudo, nosso grupo é um incentivo para a criatividade. Uma das autoras presentes nesta Revista, Adriana Bellodi César, é uma das participantes do grupo.

Um outro acontecimento relevante para o desenvolvimento da Terapia Narrativa no Brasil, foi a presença de David Epston em 2007. Em dois workshops, um organizado em Salvador (Bahia), por Maria Ângela Teixeira e outro em Campinas, uma cidade próxima de São Paulo (SP), sob a responsabilidade do Instituto de Terapia de Família e Comunidade, ITFCCAMP. Um diferencial desses dois workshops foi a forma como David nos guiou “por dentro da entrevista”, numa prática narrativa criativa e inspiradora. A criatividade de David em sua escuta dialógica, despertou nossa curiosidade para possibilidades de perguntas que convidam a “magia”, as perguntas duende, conforme ele as denominou num dos workshops que pudemos assistir. David compartilhou um vídeo de um atendimento de um garoto de 14 anos Sebastian, do qual sua família e escola se tinham se demitido. Eu já havia assistido e me encantado com esse vídeo em Oslo, no ano de 2000. Histórias de agressões, cenas de violência, inúmeros episódios de condutas incompatíveis com uma vida em sociedade, tinham levado esse garoto para o internato numa instituição de saúde mental. Deixando de lado as histórias de problemas, David fez para o garoto, uma de suas “perguntas duende”: *“o que você acha que seu terapeuta me respondeu quando eu perguntei*

a ele, 'o que você mais respeita em Sebastian?' O que você acha que ele me disse?". Depois de muito pensar, o garoto conseguiu dizer algo de inédito, especialmente para alguém com as histórias que eram construídas sobre ele. Sebastian respondeu que seu terapeuta via nele um menino do bem. A conversa que seguiu depois trouxe dignidade e devolveu a liberdade para esse garoto institucionalizado. Esse trabalho terapêutico é para mim uma obra prima, cada vez que o vejo, convida-me à emoção e à esperança.

Uma das grandes incentivadoras das práticas narrativas no Brasil, foi Maria Ângela Teixeira. Essa pioneira apaixonada pelas práticas narrativas organizou inúmeros cursos, convidou vários terapeutas narrativos, dos pioneiros aos mais recentes, para que pudéssemos desenvolver nossas práticas. De Michael White e David Epston, passaram por Salvador (Bahia): Shona Russel, Mark Rayward, John Winslade, David Newman, David Denborough, dentre outros. Maria Ângela foi a principal e arrojada organizadora da 10th Conferência Internacional de Terapia Narrativa e Trabalho Comunitário: em Salvador, (Bahia) em 2011, junto com o Dulwich Centre, Além de receber participantes de várias partes do mundo, esse evento foi um testemunho vivo de quanto a terapia narrativa e trabalhos comunitários estavam já arraigados no solo brasileiro e apresentavam criativas produções com as marcas de nossa cultura.

Outra fonte incentivadora de nosso desenvolvimento na terapia narrativa e, especialmente nas práticas narrativas coletivas foi o trabalho parceiro entre Marlene Simonetti e Adriana Müller, no Espírito Santo em 2009. Ao convidarem David Denborough e Cheryl White para um workshop em 2009, contribuíram para o desenvolvimento das práticas narrativas coletivas no Brasil. Convidados novamente em 2010 pelo INTERFACi para um workshop em São Paulo, a Árvore da Vida, o Time da vida, dentre outras práticas, resultaram em um grande movimento de práticas e produções de conhecimento e contribuições para transformações sociais efetivas. Muitas metodologias criativas e inovadoras e vários projetos comunitários foram inspirados nas práticas narrativas coletivas. Não os estou incluindo aqui, por fugirem aos propósitos deste artigo. Os interessados podem ter uma mostra em Müller (2013) e Abdalla (Denborough & Abdalla, 2019). Considero que a vinda de Cheryl White e David Denborough foi a porta de entrada para o Instituto Reciclando Mentes do Rio de Janeiro (RJ), iniciar

um trabalho de intensa repercussão em território brasileiro, em parceria com o Dulwich Centre. Além de realizar eventos que estimulam as práticas coletivas, desde 2021, o instituto tem promovido em parceria com o Dulwich Centre, cursos de formação em práticas narrativas e trabalhos comunitários, iniciando sua quarta turma em 2024. A modalidade on-line tem possibilitado acesso de pessoas das mais variadas regiões desse nosso imenso país.

Quanto ao instituto INTERFACI, pudemos contribuir para a difusão das práticas narrativas no Brasil, além do Grupo de Estudos Aberto e Continuado iniciado em 2006, pelos workshops que organizamos. John Winslade, além de suas contribuições teórico-filosóficas, em que ressaltou as contribuições das ideias de Deleuze e Foucault para a prática da terapia narrativa, abriu possibilidades para integrarmos as práticas de conversação externalizadoras, de reautoria, andaime e as do ausente, mas implícito, a dupla escuta, à prática da terapia narrativa em situações de conflito. Depois Stephen Madigan, trouxe como uma grande contribuição a entrevista relacional. E, como nosso último workshop antes da pandemia, recebemos David Epston, Tom Carlson e Sanni Paljaca, com os quais pudemos refletir sobre como reimaginar as práticas narrativas. A abertura para testemunhas compassivos, a inclusão de documentos e a poesia ao processo terapêutico, foram propostas inovadoras que tiveram grande repercussão no nosso trabalho narrativo. Daí surgiram novas práticas e novas produções de conhecimento, como, por exemplo, (Paschoal & Pereira, 2022), usando cartas e poemas em processos reflexivos.

Durante a pandemia, tivemos a oportunidade de ampliar o número de participantes nos nossos workshops pela redução de custos que a modalidade online proporcionava. Assim, pelo INTERFACI, realizamos mais dois workshops, um com Marta Camplillo e outro com Tom Carlson, em 2020. Tom apresentou práticas narrativas contemporâneas com casais, mesclando histórias de justiça e de amor. E, finalmente, ainda na pandemia em 2022, David Marsten inovou nosso conhecimento com práticas de entrevista iniciadas pela maravilhosidade. E assim, temos seguido aprendendo e criando.

Além do já mencionado, uma forma criativa de divulgar a terapia e outras práticas narrativas nos dias de hoje, se apresenta em forma de um blog. Acessível e popular, Maria Ângela Teixeira (www.narrativasterapeuticas.com.br), divulga

livros em português e navega, de poemas à arte numa abordagem narrativa. Mais recentemente, Ângela vem escrevendo sobre terapia narrativa e os sonhos, aqueles que temos “de olhos fechados”, como ela diz. Uma inovação de sua parte.

Incentivo e Produção de Conhecimento

Um dos grandes entraves para a difusão do conhecimento advém das barreiras da língua. As produções originárias da terapia narrativa foram publicadas em inglês e depois em espanhol, desfavorecendo a inclusão de nossa comunidade de fala em português. Assim, a publicação de dois livros traduzidos para o português, (Morgan, 2007, Russell & Carey, 2007), foram de grande contribuição para difundir a terapia narrativa no Brasil. Simples e bem didáticos, acessíveis, pudemos introduzi-los nos nossos cursos de terapia familiar nos quais a terapia narrativa já vinha sendo divulgada desde o começo dos anos 2000. Quando em 2012, tivemos a oportunidade de ter traduzido para o português o último livro escrito por Michael White, *Maps of Narrative Practice* (White, 2007, 2012 em português), a terapia narrativa se expandiu pelo Brasil, de norte a sul. É importante ressaltar a importância da inclusão linguística, para a qual também já haviam contribuído contribuíram as traduções pelo grupo Narrativa Brasil, responsável pelas publicações em português dos livros de Morgan (2007) e Russel e Carey (2007). Também impulsionaram a difusão das práticas, artigos de outros terapeutas como Winslade (2017) e Madigan (2018), publicados em livros em português organizados por mim (Marilene Grandesso). Tivemos que vencer as barreiras da linguagem, não somente para ter acesso ao que vem sendo feito e difundido em língua inglesa, mas para podermos difundir o que temos feito por aqui, em outro idioma.

Dentre as nossas produções, temos escrito capítulos de livros e artigos para nossas revistas mais afinadas com as propostas das práticas narrativas, como a *Nova Perspectiva Sistêmica*. Desde o ano 2000, em que foi publicado um artigo sobre uma terapia narrativa com criança, (Grandesso, 2000), temos publicados trabalhos narrativos com crianças (Grandesso, 2000, 2012; 2018, Cesar, 2008); com adolescentes (Lion, 2022, Lion et al, 2023); com doenças crônicas (Novis & Abdalla, 2012); com pacientes portadores de doenças mentais (Laurentino, 2017); com grupos de famílias (Almeida & Müller, 2014); sobre o uso de contos na

terapia narrativa (Novis, 2016) e projetos de co-pesquisa (Abdalla, 2020). Temos ainda alguns artigos teóricos (Grandesso, 2011, Paschoal & Grandesso, 2014, Cruz, 2008, Guimarães, 2007). Cumpre ressaltar que não está incluída aqui a vasta produção de artigos sobre práticas narrativas coletivas, o que escapa aos propósitos deste número da revista.

Finalizando: A Terapia Narrative no Brasil Efeitos Rizomáticos de uma Prática Transformadora

Olhando para esse panorama que acabo de apresentar, dou-me conta de quanto caminhamos desde que a terapia narrativa foi introduzida para nós terapeutas brasileiros, na década de 1990. Desde Jill Freedman em 2001, quantos terapeutas narrativos estiveram conosco, contribuindo para nossa identidade como terapeutas narrativos! Para nós brasileiros, mais do que aprender uma nova prática de terapia, foi estar em diálogo constante com um universo de possibilidades de interlocução teórica e de realizar a terapia narrativa. Ouso dizer que somos muitos os terapeutas narrativos brasileiros. Esse artigo compartilha uma pequena amostra do que temos desenvolvido. Muitas práticas de terapia narrativa acabaram não sendo documentadas em textos e, assim, não puderam ser incluídas neste artigo. Os artigos que compõem essa revista são uma pequena mostra da criatividade dos terapeutas narrativos brasileiros, atuando nos mais distintos contextos e com as mais diferentes populações. Sensível aos valores da multiculturalidade brasileira, atentas às práticas de poder que oprimem pessoas e comunidades, nossas práticas se pautam por uma ética da colaboração. Quebrando a convencionalidade das terapias tradicionais, a terapia narrativa tem se mostrado como um conjunto de práticas transformadoras promovendo a libertação de formas de opressão que restringem possibilidades de existir com dignidade. Se estendêssemos este artigo para incluir as práticas narrativas coletivas, teríamos, nesse sentido, uma variedade de projetos, metodologias inovadoras e práticas transformadoras.

Termino expressando a gratidão não apenas para os nossos mestres que vieram compartilhar suas experiências conosco, mas também, e especialmente, para os profissionais brasileiros que promoveram o nosso acesso a cursos e workshops sobre terapia e outras práticas narrativas. Não posso deixar de nomear Maria Ângela Teixeira que, ousou e fez acontecer os primeiros cursos e workshops

desde 2005, apresentando-nos muitos terapeutas narrativos criativos e inspiradores que não teríamos conhecido, não fosse seu desejo de expandir as práticas narrativas no Brasil. Essa foi uma prática adotada também por algumas instituições tais como INTERFACI (São Paulo-SP), Reciclando Mentas (Rio de Janeiro-RJ), Crescent (Vitória-ES). Ao longo deste artigo, procurei honrá-los destacando algumas de suas contribuições. Conforme o desejo de White e Epston (1992), nossa cultura da terapia narrativa brasileira tem conseguido manter o espírito de aventura, e, acredito, temos conseguido enriquecer nossas vidas e as vidas das pessoas que têm buscado a nossa ajuda.

Das primeiras ilhas de terapia narrativa em nosso país, construímos arquipélagos e hoje podemos falar num continente que nos oferece uma plataforma de sustentação para criarmos e seguirmos adiante, nos nossos mais de 20 anos dedicados a aprender e praticar a terapia narrativa. Quero terminar ressaltando que a terapia narrativa definiu uma nova identidade para os terapeutas que abraçaram seus propósitos e se aventuraram a mergulhar numa nova concepção de terapia. Uma prática que, muito além do mundo psi, nos permite indignar contra as injustiças sociais e tomar uma posição contra os abusos de poder e práticas de subjugação de identidades, relações e vidas. Mas, acima de tudo, a terapia narrativa ajuda a manter acesa [...] “a chama da esperança que ilumina nossas ações e alimenta a nossa crença de que novos e preferidos mundos serão sempre possíveis, à luz de histórias preferidas e extraordinárias que toda pessoa tem. Resta-nos apenas construir andaimes” (Grandesso, 2008, p. 117).

Referências

- Abdalla, L.H.A. (2020). Teenagers and the COVID-19 pandemic. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 3, www.dulwichcentre.com.au
- Almeida, B., & Müller, A. (2014). Jardim de flores: Uma experiência com grupos de famílias no contexto da socioeducação. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 23(49), 73-87.
- Carvalho, A.S., Cavalcante, R. A. L. P, Oliveira Q. A. C. & Almeida G. L. (2022). Grupo com crianças no âmbito do Sistema Único de Assistência Social

- (SUAS) inspirado pelas práticas narrativas coletivas. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 31(72), 23–37.
- Cesar, A.B.C. (2008). A externalização do problema e a mudança de narrativas em terapia familiar com crianças. *Revista Nova Perspectiva Sistêmica*, 31, 85-98.
- Cruz, H.M. (2008). Da linguística à política: o giro de Michael White. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 31, 74-86, julho.
- Denborough, D. & Abdalla, L.H.A. (2019) Manual do tatame da vida. *Disponível em* www.reciclandomentes.org.
- Grandesso, M.A. (2018). Domando a caballo de viento: la historia de Luisa, una experta en hacer planes para ser feliz. In. I. Latorre-Gentoso (org.) *Prácticas de Terapia Narrativa: voces Latinoamericanas tejiendo relatos preferidos*, pp. 15-38. Pranas Chile.
- Grandesso, M.A. (2012) Terapia da Família centrada na criança: a criança como parceira conversacional. In H.M. Cruz, (org.) *Me aprende?* Roca Ed., 41-70.
- Grandesso, M. A. (2011). “Dizendo olá novamente”: A presença de Michael White entre nós, terapeutas familiares. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 20(41), 99-118.
- Grandesso, M. A. (2000). Quem é a dona da história? Legitimando a participação de crianças em terapia familiar. In H.M. Cruz, (org.). *Papai, mamãe, você... E eu?: conversações terapêuticas com famílias com crianças*, pp. 101-126. Casa do Psicólogo.
- Guimarães, N.V. (2007). Michael White: um terapeuta acrobata. *Pensando famílias*, 11 (2), 141-164, dez.
- Laurentino, J. (2017). Considerações sobre práticas pós-modernas no trabalho em torno da desconstrução da identidade construída a partir do diagnóstico de transtorno mental. In M.A. Grandesso, (org.), *Práticas colaborativas e dialógicas em distintos contextos e populações: um diálogo entre teoria e práticas*. CRV, pp. 247-268.

- Lion, C.M. (2022). O uso de práticas narrativas em um grupo terapêutico com adolescentes em situação de sofrimento emocional. *Tese de doutorado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto.*
- Lion, C. M., Souza, L. V. E., Vidotto, L. T., & Centurion, N. B. (2023). Uso dos princípios narrativos em um grupo com adolescentes em sofrimento emocional. *Revista Da SPAGESP, 24(1), 17–32.*
- Madigan, S. (2018). Entrevista relacional fundamentada na terapia narrativa: preparando emocionalmente os relacionamentos conjugais conflituosos para uma possível reunião, separação, mediação e tribunais de família. In M.A. Grandesso, (org.), *Colaboração e diálogo: aportes teóricos e possibilidades práticas.* Curitiba, CRV, pp. 201-223.
- Morgan, A. (2007) O que é a terapia narrativa? *Centro de estudos e práticas narrativas.*
- Müller, A. (2013). Ritmos da Vida: ajudando crianças na superação da separação. *Nova Perspectiva Sistêmica, no. 45.*
- Müller, A. (2012a). Troca de cartas no time da vida: Um bate-bola construtivo. *Nova Perspectiva Sistêmica, 21(42), 42-56.*
- Müller, A. (2012b). Ritmos da vida: Ajudando crianças na superação da separação. *Nova Perspectiva Sistêmica, 22(45), 34-46.*
- Novis, A. L. de F. (2016). Contos e terapia narrativa: possibilitando novas conversas. *Nova Perspectiva Sistêmica, 25(55), 7–18.*
- Novis, A.L., & Abdalla, L.H.A. (2017). A despensa da vida: uma metodologia auxiliar ao desenvolvimento de histórias que promovem entendimentos de saúde diante de um diagnóstico de doença grave e/ou crônica. *Nova Perspectiva Sistêmica, 22(45), 26–34.*
- Paschoal, Z.T.C.N., & Pereira, C.P.G. (2022). Uso de cartas na equipe reflexiva: acessando emoções e novos entendimentos. In M.A. Grandesso (org.), *Construcionismo social e práticas colaborativo-dialógicas a serviço de ações generativas e humanizadoras.*

- Paschoal, V.N., & Grandesso, M.A. (2014). O uso de Metáforas em terapia narrativa: facilitando a construção de novos significados. *Nova Perspectiva Sistêmica*, (48), 24-43, abril.
- Russell, S., & Carey, M. (2007). Terapia Narrativa: Respondendo às suas perguntas. *Centro de estudos e práticas narrativas*.
- White, M. (2007). *Maps of narrative practice*. W.W. Norton & Company.
- White, M. (2012). *Mapas da Prática Narrativa*. Pacartes.
- White, M. (1993). Deconstruction and therapy. *Dulwich Centre Newsletter*, 1991, N. 3, 21-40.
- White, M., & Epston, D. (1990). *Narrative means to therapeutic ends*. WW Norton.
- White, M. & Epston, D. (1992) Introduction. *Experience, contradiction, narrative & imagination. Selected papers by David Epston & Michael White 1989-19*.
- Winslade, J. (2017). Coaching de conflitos narrative. In M.A. Grandesso, (org.), *Práticas colaborativas e dialógicas em distintos contextos e populações: um diálogo entre teoria e práticas*. CRV, pp. 357-386.

Narrative Therapy in Brazil: Building Preferred Stories from North to South

Marilene A. Grandesso

Contextualizing: An Entry Door

What I present in this article is just one possible story. We know that no story is unique, much less complete. This one, like all narratives, was constructed by my selection of events over time, in the contexts in which I had the opportunity to live and learn. The thread that weaves this storyline is very personal and bears the marks of the meanings I attributed to lived experiences, since the 90's. Thus, if the authors were different, other stories would be possible. Just like life, Narrative Therapy in Brazil is also multistoried.

When Tom Carlson invited me to write about Narrative Therapy (NT) in Brazil, with a focus on therapy, honored by his trust, I felt a mix of joy and immense responsibility. How can we do justice to this practice and to the Brazilian therapists who has developed and enriched it with our Latin creativity? Born in the early 2000's, NT has grown, flourished and has been transformed since the first presence of Michael White and David Epston in Brazilian territory, firstly because of their writings, which we only had access to in English and, sometimes, in Spanish. Then, due to our traveling merchants spirit that led us to take all the opportunities that arose, even in other countries. This article bears the marks of my personal involvement with this practice, since, in 1991, when Carlos Sluzki, in a family therapy course in Massachusetts, presented Michael White as a creative young man who used therapy as a kind of "psychological exorcism". Sluzki was referring to the practice of externalizing conversations, which separates the person from the problem: the problem is the problem, the person is the person. For us Brazilians, at the time, this was great news.

Thus, it was not a surprising fact that, one year later, in 1992, for the first time, we met Michael White in Buenos Aires (Argentina), where the Interfas Foundation organized a four-day workshop with him. In a small room at the Foundation, enchantment took hold of us Brazilians, around 15 people. For me, particularly, what touched me the most was a presentation that Michael gave about a man who had lived in a psychiatric hospital for many years and had just attempted suicide. His story of hopelessness attested that his life didn't matter to

anyone and that, if he died, no one would need to be notified. In his conversations with this man, Michael managed to recover, among the stories he lived, the memories of his childhood. His first teacher was considered by this man as someone to whom his life mattered. We had the opportunity to watch the video in which this elderly teacher remembered moments in which that boy stood out and the appreciation she had for him. We returned to Brazil with the pulsating seeds of a great desire to learn more and transform our practice. Michael helped us understand that all people have valuable stories and that we should acknowledge the power of legitimizing lives and relationships through external witnesses' testimonies. At the time we had access to a fantastic article that exposed power practices aiming to subjugate selves and relationships. Even today, I share the article *Deconstruction and Therapy* (White, 1991) with my students. In this article, Michael presents four brief accounts involving some kind of oppression, helping us understand that there are always gateways to alternative stories that, once historicized, can help to deconstruct dominant stories saturated with problems, enabling the construction of preferred stories of legitimized lives.

We continued studying and, at the same time, sharing what we were learning with our students. A reference for us to build our path was the first book published by Michael White and David Epston - *Narrative Means to Therapeutic Ends* (1990). Objectify problems and not people; develop sensitivity to hear traces in narratives that invite us to stories of hope. Many new reflections have emerged with the narrative metaphor. Our therapy practice gradually changed its focus from problems to possibilities, externalizing the influence of cultural discourses on dominant narratives saturated with problems, which, subliminally, would lead to power relationships. Michael and David expanded our horizons and therapeutic practices, helping us look at problems as cries of nonconformity, in the face of disregarded, or even outraged, values. Later we were able to expand our understanding through the precious concept of "absent, but implicit" (White, 2007), a result of the influence of Derrida's ideas in narrative therapy.

Narrative therapy contributed to expanding our understanding of lives and relationships, by inviting other partners, outside the world of therapy: Foucault, Derrida, Vygotsky, Geertz, Bachelard, Barbara Myerhoff, Bruner, among others (Grandesso, 2011). Defined as a poststructuralist practice, in Brazil, narrative therapy contributed to the development of therapeutic relationships valuing local

knowledge, respecting cultural values and being attentive and sensitive to all forms of oppression. Seeing beyond the diagnoses and a psycho-pathologizing perspective of life, we were able to incorporate a political dimension into the process and expand it beyond the walls of the therapy room. Abandoning the ethics of control and embracing the ethics of collaboration, White (2007) always maintained a respectful, decentered, yet influential partnership stance. And so, we continued.

Learning From our Masters and From Each Other

Below I present some of the notable presences in Brazilian territory from whom we were able to learn and create possibilities for our narrative practices. For clarifying purposes, I insist that this is a personal and, therefore, partial analysis. It is far from complete. My criteria were the resonances within my own experience and the openness to new possibilities in the context of narrative therapy, as requested by Tom Carlson.

At the beginning of years 2000, the Family Center of the Catholic University of São Paulo (NUFAC) brought Jill Freedman to the city for a workshop on Narrative Practices in Family Therapy. Among other things, Jill introduced us to the art of asking questions to develop richer stories from the “sparkling moments” observed in the answers. With her, we practiced a way of listening to stories from everyday life that could help us transform our responses into poetry. In 2005, Silvia Rechulski and Ada Pelegrini Lemos organized Michael White's first workshop in Brazil, also in São Paulo. On that occasion, we were able to witness a session conducted by Michael with a Brazilian family. What we saw was a therapeutic relationship that respected our cultural values and an artisanal way in which he, through his questions born from attentive listening to traces in the stories, opened up possibilities for the family to visit non-historicized territories of their life. Michael allowed us to follow a creative dance between his decentered, yet influential, positioning and a family being reborn into new ways of living together. For the first time, we were able to participate as external witnesses. As a genuinely interested and creative partner, Michael helped the family revisit their experiences and build new and richer stories, opening the doors to new existential possibilities. Without a doubt, this workshop was a watershed moment. Later, in 2006, Michael was in Salvador (Bahia) and Porto Alegre (Rio

Grande do Sul), a great contribution for us Brazilians, thanks to Maria Angela Teixeira in Salvador and Consuelo Brun in Porto Alegre.

Upon returning from Porto Alegre, I started an *Open and Continuous Study Group* on narrative therapy in 2006, in São Paulo, through INTERFACI, the institute I coordinate.

Another relevant event for the development of Narrative Therapy in Brazil was the presence of David Epston, in 2007, for two workshops, one organized in Salvador (Bahia) by Maria Ângela Teixeira and the other in Campinas, a city close to São Paulo (SP), under the responsibility of the *Institute of Family and Community Therapy*, ITFCCAMP. A remarkable singularity of these two workshops was the way David guided us “inside the interview” in a creative and inspiring narrative practice. David's creativity in his dialogical listening awakened our curiosity about possibilities of questions that could invite “magic”, the “elf questions” as he called them in one of the workshops we were able to attend. David shared a video of a session with 14-year-old Sebastian, whose family and school had resigned. I had already watched this video in Oslo, year 2000, and had been enchanted by it. A history of outbursts of anger, scenes of violence, countless episodes of behavior incompatible with a life in society, had led this boy to boarding in a mental health institution. Leaving aside the problem stories, David asked the boy one of his “elf questions”: “*What do you think your therapist answered when I asked him, 'What do you respect most about Sebastian?' What do you think he told me?*” After much thought, the boy managed to say something unprecedented, especially for someone with the stories that were built about him. Sebastian replied that his therapist saw him as a good boy. The conversation that followed brought dignity and freedom back to this institutionalized boy. This therapeutic work is a masterpiece for me, every time I see it, it invites me to a renewing sense of hope.

One of the great supporters of narrative practices in Brazil is Maria Ângela Teixeira. She's always been a passionate practitioner who organized countless courses and workshops, inviting several narrative therapists, from the pioneers to the most recent, so that we could develop our skills. From Michael White and David Epston's visit to Salvador (Bahia) to the presence of Shona Russel, Mark Hayward, John Winslade, David Newman, David Denborough, among others, in many of the events she promoted. Maria Ângela was the main organizer of the

10th International Conference on Narrative Therapy and Community Work, in Salvador (Bahia), in 2011, together with the *Dulwich Centre*. In addition to receiving participants from many parts of the world, this event was a living testimony of how extensively narrative therapy and community work were already rooted in Brazilian soil and how creative were the practices developed with the marks of our local culture.

Another encouraging source of our development in narrative therapy and, especially, in collective narrative practices, was the collaborative work between Marlene Simonetti and Adriana Müller, in Espírito Santo, in 2009. By inviting David Denborough and Cheryl White to a workshop in the same year, they contributed to the development of collective narrative practices in Brazil. Invited again in 2010, by INTERFACI, for a workshop in São Paulo, the *Tree of Life*, the *Team of Life*, among other practices, resulted in a great movement of practices and production of knowledge and contributions to effective social transformations. Many creative and innovative methodologies and several community projects have been inspired by collective narrative practices. I am not including them here, as they go beyond the purposes of this article. Those interested in the topic, can find great sources in Müller (2013) and Abdalla (Denborough & Abdalla, 2019). I consider Cheryl White and David Denborough as the influential partners and gateways for *Recycling Minds Institute*, in Rio de Janeiro (RJ), to begin a project of intense repercussion in Brazilian territory, always in partnership with *Dulwich Centre*. In addition to holding events that encourage collective practices, since 2021, *Recycling Minds Institute* has been promoting training courses in narrative practices and community work, starting its fourth class in 2024. The online modality has enabled access to people from the most varied regions of our immense country.

As for the INTERFACI Institute, we were able to contribute to the dissemination of narrative practices in Brazil, in addition to the *Open and Continuous Study Group* started in 2006, through the workshops we organize. John Winslade, with his theoretical-philosophical contributions, in which he highlighted the importance of Deleuze and Foucault's ideas to the practice of narrative therapy, opened possibilities for us to integrate externalizing conversation, re-authoring, scaffolding, absent, but implicit and double listening practices to the use of narrative therapy in conflict situations. Then Stephen Madigan brought the relational interview as a great contribution. And, as our last workshop before the

pandemic, we welcomed David Epston, Tom Carlson and Sanni Paljakka, with whom we were able to reflect on how to reimagine narrative practices. The opening to compassionate witnesses and the inclusion of documents and poetry in the therapeutic process were innovative proposals that had great repercussions on our narrative work. Hence new practices and new productions of knowledge emerged, such as, for example, (Paschoal & Pereira, 2022), using letters and poems in reflective processes.

During the pandemic, we had the opportunity to increase the number of participants in our workshops due to the cost reduction that online modality provided. Therefore, through INTERFACI, we held two more workshops, one with Marta Campillo and other with Tom Carlson, in 2020. Tom presented contemporary practices and narratives with couples, mixing stories of justice and love. And finally, still in the pandemic in 2022, David Marsten innovated our knowledge with interviewing practices initiated by wonderfulness. And so, we have continued learning and creating.

In addition to what has already been mentioned, a creative way of promoting therapy and other narrative practices nowadays is in the form of a blog.

Accessible and popular, Maria Ângela Teixeira (www.narrativasterapeuticas.com.br) publishes books in Portuguese and navigates from poems to art, always with a narrative approach. More recently, Maria Ângela has been writing about narrative therapy and dreams, the ones we have “with our eyes closed”, as she says: another innovation on her part.

Incentive and Production of Knowledge

One of the biggest obstacles to the dissemination of knowledge comes from language barriers. Intellectual and theoretical productions originating from narrative therapy were published in English and later in Spanish, disfavoring the inclusion of our Portuguese-speaking community. Thus, the publication of two books translated into Portuguese (Morgan, 2007, Russell & Carey, 2007) were of great contribution to spreading narrative therapy in Brazil. Simple and very didactic, as well as accessible, we were able to introduce them in our family therapy courses in which narrative therapy had already been disseminated since the beginning of the 2000's. When, in 2012, we had the opportunity to have access to the last book written by Michael White, *Maps of Narrative Practice* (White, 2007, 2012 in Portuguese), narrative therapy expanded throughout Brazil,

from north to south. It is to highlight the importance of linguistic inclusion, to which the translations by *Narrativa Brasil* group, responsible for the publications in Portuguese of the books by Morgan (2007) and Russel and Carey (2007), had already contributed at great extent. Articles by other therapists such as Winslade (2017) and Madigan (2018), published in Portuguese in editions I had the privilege to organize also boosted the spread of practices. We had to overcome language barriers, not only to have access to what has been done and disseminated in English, but to be able to disseminate what we have done here in another language.

Among our productions, we have written book chapters and articles for our magazines that are more in tune with the proposals of narrative practices, such as the *New Systemic Perspective (Nova Perspectiva Sistêmica)*. Since the year 2000, when an article about narrative therapy with children was published (Grandesso, 2000), we have published narrative works developed with children (Grandesso, 2000, 2012; 2018, Cesar, 2008); with teenagers (Lion, 2022, Lion et al, 2023); with people affected by chronic illnesses (Novis & Abdalla, 2012); with patients affected by mental disorders (Laurentino, 2017); with family groups (Almeida & Müller, 2014); on the use of short stories in narrative therapy (Novis, 2016) and co-research projects (Abdalla, 2020). We also have some theoretical articles (Grandesso, 2011, Paschoal & Grandesso, 2014, Cruz, 2008, Guimarães, 2007). It should be noted that a vast written production on collective narrative practices is not being included here because it is beyond the purposes of this specific publication.

Concluding: Narrative Therapy in Brazil Rhizomatic Effects of a Transformative Practice

From this general overview I have just presented, I realize how far we have gone since narrative therapy was introduced to us, Brazilian therapists, in the 1990's. Since Jill Freedman, in 2005, how many great practitioners have been with us, contributing to our identity as narrative therapists! For us Brazilians, more than learning a new therapy practice, it was being in constant dialogue with a universe of possibilities for theoretical dialogue and narrative therapy practice. I dare to say that, now, we are in a great number in Brazil. This article shares a small sample of what we have developed. Many narrative therapy practices ended up not being documented in texts or books and, therefore, could not be included in

this article. The articles included in this publication are a small example of the creativity of Brazilian narrative therapists, working with the most different contexts and populations. Sensitive to the values of Brazilian multiculturalism, attentive to the practices of power that oppress people and communities, our practices are guided by an ethics of collaboration. Breaking the conventionality of traditional therapies, narrative therapy revealed itself as a set of transformative practices promoting liberation from forms of oppression that restrict possibilities of existing with dignity. If we extended this article to include collective narrative practices, we would have, in this sense, a variety of projects, innovative methodologies and transformative practices.

I conclude by expressing gratitude not only to our masters who came to share their experiences with us, but also, and especially, to the Brazilian professionals who promoted our access to courses and workshops on therapy and other narrative practices. I can't help but mention Maria Ângela Teixeira again, who organized the first courses and workshops in 2005, introducing us to many creative and inspiring narrative therapists that we would not have met, if it weren't for her desire to expand these practices in Brazil. Such desire was shared by some institutions such as INTERFACI (São Paulo-SP), *Recycling Minds* (Rio de Janeiro-RJ), and *Crescent* (Vitória-ES). Through this article, I tried to honor them by highlighting some of their contributions. As White and Epston (1992) wished, our Brazilian narrative therapy culture has managed to keep the spirit of adventure and, I believe, we have managed to enrich our lives and the lives of others who have sought our help.

From the first islands of narrative therapy in our country, we built archipelagos and today we can speak of a continent that offers us a support platform to create and move forward, in our more than 20 years dedicated to learning and practicing narrative therapy. I want to finish by highlighting that narrative therapy defined a new identity for practitioners who embraced its purposes and ventured to delve into a new conception of therapy. A practice that, far beyond the psi world, allows us to stand against social injustices and abuses of power, as well as to resist practices that subjugate identities, relationships and lives. But, above all, narrative therapy helps to keep burning [...] “the flame of hope that lights up our actions and fuels our belief that new and preferred worlds will always be possible, in light of preferred and extraordinary stories that every person has. We just have to build the scaffolding”. (Grandesso, 2008, p. 117)

References

- Abdalla, L.H.A. (2020). Teenagers and the COVID-19 pandemic. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 3, www.dulwichcentre.com.au
- Almeida, B., & Müller, A. (2014). Jardim de flores: Uma experiência com grupos de famílias no contexto da socioeducação. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 23(49), 73-87.
- Carvalho, A.S., Cavalcante, R. A. L. P, Oliveira Q. A. C. & Almeida G. L. (2022). Grupo com crianças no âmbito do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) inspirado pelas práticas narrativas coletivas. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 31(72), 23–37.
- Cesar, A.B.C. (2008). A externalização do problema e a mudança de narrativas em terapia familiar com crianças. *Revista Nova Perspectiva Sistêmica*, 31, 85-98.
- Cruz, H.M. (2008). Da linguística à política: o giro de Michael White. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 31, 74-86, julho.
- Denborough, D. & Abdalla, L.H.A. (2019) Manual do tatame da vida. *Disponível em* www.reciclandomentes.org.
- Grandesso, M.A. (2018). Domando a caballo de viento: la historia de Luisa, una experta en hacer planes para ser feliz. In. I. Latorre-Gentoso (org.) *Prácticas de Terapia Narrativa: voces Latinoamericanas tejiendo relatos preferidos*, pp. 15-38. Pranas Chile.
- Grandesso, M.A. (2012) Terapia da Família centrada na criança: a criança como parceira conversacional. In H.M. Cruz, (org.) *Me aprende?* Roca Ed., 41-70.
- Grandesso, M. A. (2011). “Dizendo olá novamente”: A presença de Michael White entre nós, terapeutas familiares. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 20(41), 99-118.
- Grandesso, M. A. (2000). Quem é a dona da história? Legitimando a participação de crianças em terapia familiar. In H.M. Cruz, (org.). *Papai, mamãe, você... E*

- eu?: conversações terapêuticas com famílias com crianças*, pp. 101-126. Casa do Psicólogo.
- Guimarães, N.V. (2007). Michael White: um terapeuta acrobata. *Pensando famílias*, 11 (2), 141-164, dez.
- Laurentino, J. (2017). Considerações sobre práticas pós-modernas no trabalho em torno da desconstrução da identidade construída a partir do diagnóstico de transtorno mental. In M.A. Grandesso, (org.), *Práticas colaborativas e dialógicas em distintos contextos e populações: um diálogo entre teoria e práticas*. CRV, pp. 247-268.
- Lion, C.M. (2022). O uso de práticas narrativas em um grupo terapêutico com adolescentes em situação de sofrimento emocional. *Tese de doutorado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto*.
- Lion, C. M., Souza, L. V. E., Vidotto, L. T., & Centurion, N. B. (2023). Uso dos princípios narrativos em um grupo com adolescentes em sofrimento emocional. *Revista Da SPAGESP*, 24(1), 17–32.
- Madigan, S. (2018). Entrevista relacional fundamentada na terapia narrativa: preparando emocionalmente os relacionamentos conjugais conflituosos para uma possível reunião, separação, mediação e tribunais de família. In M.A. Grandesso, (org.), *Colaboração e diálogo: aportes teóricos e possibilidades práticas*. Curitiba, CRV, pp. 201-223.
- Morgan, A. (2007) O que é a terapia narrativa? *Centro de estudos e práticas narrativas*.
- Müller, A. (2013). Ritmos da Vida: ajudando crianças na superação da separação. *Nova Perspectiva Sistêmica*, no. 45.
- Müller, A. (2012a). Troca de cartas no time da vida: Um bate-bola construtivo. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 21(42), 42-56.
- Müller, A. (2012b). Ritmos da vida: Ajudando crianças na superação da separação. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 22(45), 34-46.

- Novis, A. L. de F. (2016). Contos e terapia narrativa: possibilitando novas conversas. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 25(55), 7–18.
- Novis, A.L., & Abdalla, L.H.A. (2017). A despesa da vida: uma metodologia auxiliar ao desenvolvimento de histórias que promovem entendimentos de saúde diante de um diagnóstico de doença grave e/ou crônica. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 22(45), 26–34.
- Paschoal, Z.T.C.N., & Pereira, C.P.G. (2022). Uso de cartas na equipe reflexiva: acessando emoções e novos entendimentos. In M.A. Grandesso (org.), *Construcionismo social e práticas colaborativo-dialógicas a serviço de ações generativas e humanizadoras*.
- Paschoal, V.N., & Grandesso, M.A. (2014). O uso de Metáforas em terapia narrativa: facilitando a construção de novos significados. *Nova Perspectiva Sistêmica*, (48), 24-43, abril.
- Russell, S., & Carey, M. (2007). Terapia Narrativa: Respondendo às suas perguntas. *Centro de estudos e práticas narrativas*.
- White, M. (2007). *Maps of narrative practice*. W.W. Norton & Company.
- White, M. (2012). *Mapas da Prática Narrativa*. Pacartes.
- White, M. (1993). Deconstruction and therapy. *Dulwich Centre Newsletter*, 1991, N. 3, 21-40.
- White, M., & Epston, D. (1990). *Narrative means to therapeutic ends*. WW Norton.
- White, M. & Epston, D. (1992) Introduction. *Experience, contradiction, narrative & imagination. Selected papers by David Epston & Michael White 1989-19*.
- Winslade, J. (2017). Coaching de conflitos narrative. In M.A. Grandesso, (org.), *Práticas colaborativas e dialógicas em distintos contextos e populações: um diálogo entre teoria e práticas*. CRV, pp. 357-386.